

A contribuição da ginástica para a (des)construção da identidade juvenil

Arthur Müller
Colégio Marista Arquidiocesano

Introdução

Na constituição da história do corpo, desde sua percepção inicial até as significações disseminadas na sociedade, incontáveis fatores atuam em sua regulação, controle e governamentalidade. Compreender de que forma as diferentes marcas incrustam seus sinais nos corpos é o primeiro passo para a desconstrução de representações opressoras, discriminatórias e excludentes. Corbin, Courtine e Vigarello (2012) afirmam que é preciso tornar mais complexa essa noção de corpo e mostrar o papel que nele desempenham as representações, as crenças e os efeitos da consciência. Dito isto, é fundamental considerarmos para análise qualquer marca, seja ela identitária, cultural ou social, exatamente porque os diferentes currículos praticados nas instituições de ensino proporcionam – e muitas vezes forjam – situações propícias para que essas marcas aconteçam. Isto posto, ressaltamos que a Educação Física, enquanto componente curricular, não pode isentar-se dessa responsabilidade. As diferentes práticas pedagógicas alicerçadas nos distintos currículos formam cidadãos alinhados aos seus preceitos. Decidir sobre as práticas corporais que serão tematizadas é percorrer em um campo minado, carregado de disputas de poder, afinal, quem decide o que ensinar, decide também como e quem irá formar. Nesta esteira, Silva (2011) afirma que as teorias do currículo, tendo decidido quais conhecimentos devem ser selecionados, buscam justificar por que ‘esses conhecimentos’ e não ‘aqueles’ devem ser selecionados.

As práticas corporais são influenciadas de várias maneiras e encontram-se imbricadas em relações poder, em que o mais forte¹ prevalece. Um exemplo disso é o fato de que aquelas mais “rentáveis” são televisionadas e patrocinadas, em detrimento de outras que não desfrutam do mesmo *status*. O próprio MMA que era visto outrora como uma prática violenta, que o afastava da esfera esportiva, hoje tem seu lugar cativo nas práticas elitizadas.

¹ A referência a força, nesse caso, se alinha a quem ou quais grupos, no momento das decisões, gozam de status privilegiado que influenciam diretamente no resultado final. Grupos historicamente privilegiados tendem a sobrepor suas práticas corporais em detrimento de grupos marginalizados. Como exemplo disso, comparamos o destaque e o status dado ao futebol com aquele dado ao funk. Isso, inclusive atravessa os discursos que permeiam as diferentes manifestações culturais, legitimando ou discriminando seus praticantes e suas culturas.

A disseminação de significados inunda todas as coisas do mundo e, por consequência, perpassa as práticas corporais. As mídias têm uma responsabilidade muito grande na formulação e circulação desses sentidos. À escola cabe a função de proporcionar aos estudantes oportunidades para que possam analisar criticamente a formulação dessas representações, verificando e interferindo no processo de construção dos diferentes significados. Neira e Nunes (2009a) afirmam que a escola deve preconizar a importância da preparação dos alunos para que possam compreender a vida e se posicionarem diante dela, mas isso só é possível a partir do momento em que não são negadas aos estudantes as informações necessárias para que essa análise aconteça. A Matriz Marista² (2016) também se alinha a esse pensamento quando afirma que a expressão corporal é vista como uma linguagem, um conhecimento universal, um patrimônio da humanidade. Consequentemente, é passível de leitura e significação, releituras e ressignificações, afinal, a linguagem corporal constitui um texto.

É necessário propiciar aos alunos uma leitura crítica das práticas corporais, numa perspectiva que ultrapassa o movimento como um fim em si mesmo, mas como possibilidade de apropriação de elementos históricos e culturais com reelaborações de sentidos e significado. (MATRIZES CURRICULARES DE EDUCAÇÃO BÁSICA DO BRASIL MARISTA, 2016, p. 96).

Diante da intenção de proporcionar aos estudantes as mais variadas informações, advindas das mais variadas fontes, para que consigam constituir suas próprias formas de ler e interpretar as coisas do mundo, devemos conceber o espaço escolar como o local propício para que os debates aconteçam de forma democrática, afinal, é no interior da escola que as mais diversas culturas estão representadas. E é na escola também em que as diferentes representações entrarão em rota de colisão. Isto posto, não podemos perder de vista que, a fim de garantir um certo controle sobre os corpos juvenis, bem como sua padronização e uniformização, a escola propõe um projeto de inculcação e submissão, verificado desde a sua arquitetura até a disposição dos conteúdos trabalhados.

Por detrás dos muros, do portão, das paredes e jardins, a disposição e a distribuição do espaço escolar refletem um projeto cultural. Este projeto, com vistas a civilizar e moralizar as crianças e, por extensão, suas famílias, configurou-se nos esquadrinhamentos de cada sala e cada canto do edifício escolar. (SOUZA, 1998, p. 138).

² Intitulada “O Arqui em caleidoscópio – Projeto político pedagógico”, a Matriz Marista é o documento oficial do colégio Arquidiocesano, no qual constam os princípios (multiculturalismo, protagonismo e inclusão) e sua dimensão pedagógica.

Assim como as mídias, o ambiente escolar também corrobora a regulamentação e governamentalidade dos corpos dos estudantes. As instituições implementam formas de controlar os corpos, a fim de moldar como pensam, agem e atuarão, interferindo, ou não, nas coisas do mundo. Vale lembrar que a sua criação coloca em evidência os reais objetivos das classes dominantes.

O operário é pobre e é forçoso socorrê-lo e ajuda-lo; o operário é ignorante e faz-se urgência instruí-lo e educa-lo, o operário tem instintos avessos, e não há outro recurso senão moralizá-lo se queremos que as sociedades e os estados tenham paz e harmonia, saúde e prosperidade. (VARELA; ALVAREZ-URIA, 1992, p. 88).

Compreender e analisar a produção material escolar é fundamental para que se coloque sob análise o modelo de controle exercido sobre os corpos juvenis. Para tanto, o presente trabalho teve como objetivo proporcionar aos estudantes um posicionamento crítico a partir das informações e intenções que permeiam o universo da ginástica, desde o apelo motor para execução dos movimentos característicos, até os padrões de beleza e estética exigidos pelos atletas. Passou, também, pelos apelos midiáticos, transmissão dos campeonatos, os interesses mercadológicos. Trata-se, portanto, de um trabalho pedagógico que tem como foco proporcionar aos estudantes a maior quantidade possível de informações para que possam ampliar e aprofundar seus conhecimentos acerca desta prática corporal, ressignificando e reconstruindo suas representações. Nos dizeres de Neira e Nunes (2009b) a articulação entre educação física e ciências humanas anuncia a construção de variadas propostas pautadas em análises culturais.

Tematizando a Ginástica

Nas últimas décadas, a informação nos tem chegado de uma forma avassaladora. O mundo está conectado e o acesso hoje está a um clique. Discutir e analisar as informações disponíveis se faz cada vez mais necessário e a escola se configura como um espaço propício a esse debate, uma vez que nela circulam uma variedade infundável de culturas, cada qual carregando suas representações sobre o mundo. O encontro de representações distintas é algo positivo, desde que realizado de forma democrática, em que todos e todas reconheçam as diferenças, sem a necessidade de hierarquizar conhecimentos. Estes devem ser, aula a aula, colocados em evidência para que sejam constantemente ressignificados, reconstruídos e reelaborados a partir das

problematizações das representações trazidas pelos estudantes e pelos professores. Deve-se, inclusive, confrontar³ toda e qualquer informação que faça parte das chamadas culturas de chegada.

Um dos papéis que a Educação Física desempenha dentro do espaço escolar é de analisar as relações imbricadas nas diferentes práticas corporais. Dito de outra forma, cabe ao componente curricular promover situações didáticas em que a ocorrência social das práticas corporais seja analisada, confrontada com outras perspectivas e, finalmente, reconstruída criticamente na escola. Por conseguinte, ao decidir por um determinado tema, o professor tem uma intenção que se baseia em suas experiências e também no seu modo de ver o componente, ou seja, na representação que acessou sobre o que é uma aula de Educação Física e para que ela serve.

Trazer para o bojo das análises as intenções imbricadas nas diferentes práticas corporais (bem como o caminho que cada uma percorreu e as incidências das diferentes relações de poder que as atravessaram) é papel da Educação Física. Essa percepção desvela criticamente o porquê determinada prática corporal goza de certo status em detrimento de tantas outras que são marginalizadas.

Partindo dos pressupostos acima, colocamos sob análise o status que a ginástica gozava no início do século passado, da sua implementação nas escolas, bem como os principais objetivos e discursos que circundavam essa prática.

A análise do percurso histórico de uma determinada prática corporal permitirá constatar que suas transformações decorreram das demandas sociais. Na Idade Média as cantigas de roda apresentavam-se como ocasião para flertes e galanteios entre jovens e adultos, mas, com o tempo, passaram a ser vistas como elementos da cultura infantil. Algo semelhante aconteceu com a amarelinha, a queimada e outras brincadeiras populares. (NEIRA, 2014, p. 18).

É fundamental mapearmos os saberes discentes, a fim de analisarmos de que forma as crianças e jovens concebem a ginástica. Além disso, é importante levarmos em consideração como as mídias influenciam na construção de representações sobre as formas gímnicas, à medida em que disponibiliza, ou não, informações sobre a prática.

Uma ação pedagógica assim conduzida possibilitará às crianças que as representações acessadas e os conhecimentos inicialmente disponíveis sejam revistos, ampliados e aprofundados. É o que contribui para a formação de sujeitos conhecedores de sua história, orgulhosos das

³ Confrontar, nesse caso, não denota um sentido de enfrentamento, mas de debate, de análise, de argumentação, de reflexão.

próprias identidades culturais, conscientes da importância de dialogar com os diversos grupos que frequentam o mesmo ambiente e reconhecer aqueles que momentaneamente possa estão mais afastados. (NEIRA, 2014, p. 171).

Os conhecimentos de chegada dos estudantes se referiam principalmente à ginástica artística, então, após a explicação sobre o que se tratava o trabalho e qual deveria ser o nosso produto ao final dos estudos, a sala foi dividida em pequenos grupos. Para cada grupo, coube a função de pesquisar sobre um tipo de ginástica. Inicialmente, escolhemos aquelas mais antigas ou, nos dizeres dos estudantes, tradicionais. Nas aulas seguintes, realizamos as vivências práticas de acordo com as técnicas pesquisadas. Iniciamos com a ginástica sueca, passando pela francesa, até chegar à inglesa.







Após a vivência das chamadas ginásticas tradicionais, os estudantes leram dois textos, a fim de aprofundarem as análises acerca da prática corporal. A leitura de “A maquinaria escolar”⁴ e “Gramática espacial e a construção da identidade sociocultural da escola primária”⁵ proporcionou aos estudantes uma melhor compreensão sobre a produção da cultura material escolar (e a sua forma de controle sobre os corpos dos estudantes) e a forma como a escola foi se constituindo ao longo dos tempos, desde a sua criação (e seus principais objetivos da época de sua criação).

Em seguida, passamos para a ginástica artística. Escolhemos coletivamente alguns aparelhos para realizar as vivências e convidamos o professor Ivan, responsável pela oferta da modalidade no contraturno, para auxiliar-nos. Um menino e uma menina de outra turma, praticantes de ginástica, também foram chamados.

⁴ VARELA, J.; ALVAREZ-URIA, F. A maquinaria escolar. **Teoria & Educação**, v. 6, p. 68-96, 1992.

⁵ SOUZA, R. F. **Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no estado de São Paulo (1890 – 1910)**. São Paulo: Fundação da Editora da UNESP, 1998.



Vivência no trampolim acrobático



Vivência no trampolim acrobático

No final das vivências, organizamos uma roda de conversa com os convidados. Dentre os assuntos abordados, sobressaíram o modo como a ginástica é vista no Brasil, se existe um reconhecimento midiático e financeiro e como o colégio enxergava as aulas

de ginástica artística no que tange ao apoio material. Alguns alunos e alunas relataram que não tinham ideia a modalidade era tão desvalorizada. “Pela grande exposição que essa Ginástica tem durante as competições, tipo a Olimpíada, pensei que os atletas ganhavam mais, que as competições premiavam melhor. Eles têm uma cobrança muito grande e o retorno nem é tanto. Tem que gostar muito desse esporte”. “Fora que sempre tem aquele que tira sarro dos meninos só porque eles fazem ginástica”.

Também estudamos algumas modalidades ginásticas presentes nas academias. O principal objetivo era relacionar as transformações da prática para que pudesse adentrar às academias e, conseqüentemente, se tornar acessível a outros públicos. Simultaneamente, discutíamos a criação de um padrão de beleza corporal ao alcance de todos através da alimentação saudável e da prática regular de exercícios. Muitos alunos e alunas relacionaram esse discurso com algumas aulas de Educação Física.



Vivência de alongamento e localizada



Vivência de step e localizada



Vivência de step

Após as vivências das ginásticas tradicionais e atuais, e a análise dos discursos que atravessam a prática corporal, os estudantes elaboraram um vídeo com informações sobre o projeto. O audiovisual foi apresentado na mostra cultural do colégio, que acontece todos os anos em meados de novembro.

O período total de tematização da ginástica extrapolou o esperado devido às inúmeras problematizações durante o percurso⁶. Esse é um dos aspectos da prática pedagógica da Educação Física culturalmente orientada. Fornecer aos estudantes oportunidades para fomentar a reflexão a partir das representações que trazem para a escola das diferentes práticas corporais. Durante os trabalhos, analisamos as atividades desenvolvidas a partir das falas dos estudantes, buscando vestígios, indícios e sinais que nos orientem na reorganização das práticas vindouras. Isso acontece aula a aula e, por essa razão, faz-se fundamental o registro, podendo ser desde uma foto, até mesmo a descrição dos acontecimentos. Na tematização⁷ em questão, as problematizações geraram outras possibilidades para outras aulas. Desta forma, trabalhamos com o inesperado. Ou melhor, com aquilo que não pode ser previamente planejado, engessado, cristalizado. As aulas se configuram uma por vez, a partir das vozes dos estudantes e do “barulho” de seus silêncios.

Considerações Finais

A ginástica é uma prática corporal muito presente no dia a dia dos estudantes do colégio Marista Arquidiocesano. Está em quase todas as aberturas de evento e nos planos de ensino dos professores de Educação Física. Não à toa, existe grande variedade de espaços destinados a essa prática. Porém, mesmo tão acessível, não podemos afirmar que os estudantes possuem representações inclusivas e democráticas com relação a essa prática corporal. Mesmo ofertada no contraturno a todos os estudantes, o que verificamos é a hegemonia de uma certa identidade corporal. Dito de outra forma, parece existir um determinado padrão de corpo circulante nessas aulas. O que nos leva à seguinte reflexão: será que o estudante com outra silhueta não desejaria apropriar-se da gestualidade da ginástica artística? Será que ele ou ela também não querem se apresentar, exibindo as técnicas aprendidas na ginástica artística? Ao que tudo indica, tanto os acessos quanto a definição de justiça (no que se refere à oportunidades iguais para todos e todas) está um tanto quanto turva. E mais, a escola reforça essa visão.

Durante a tematização da ginástica ficou evidente o incômodo de muitos estudantes em relação à ditadura imposta ao corpo, desde a padronização até o controle.

⁶ Para maiores informações, sugerimos a leitura do capítulo 6, chamado “A reconstrução pós-crítica da rota docente”, disponível em http://www.gpef.fe.usp.br/teses/arthur_01.pdf.

⁷ Para uma melhor compreensão sobre tematização e problematização, recomendamos a leitura do trabalho de Santos (2016), disponível em http://www.gpef.fe.usp.br/teses/ivan_01.pdf.

É função da Educação Física cultural, pois alinhada aos tempos pós-modernos, fazer essa discussão. Promover o encontro de culturas, representações e grupos sociais. É fundamental que os estudantes reconheçam dentro da escola um momento em que podem expor suas ideias, de forma democrática com base no reconhecimento das diferenças.

A Educação Física, quando culturalmente orientada, estimula a entrada e a circulação de informações advindas dos espaços e dos grupos mais controversos, exatamente porque não advoga em benefício de uma verdade absoluta. Pelo contrário, as chamadas verdades absolutas são veementemente contestadas e colocadas em xeque. Devemos, a todo momento, proporcionar aos estudantes, encontros (sejam eles com textos, áudios, pessoas, grupos sociais, linguagens, dentre tantos outros) que promovam cada vez mais a produção de novas significações, resultando nas mais variadas representações.

Podemos afirmar que uma aula de Educação Física cultural deve proporcionar a análise e produção da maior quantidade possível de representações das práticas corporais e seus representantes. Esse foi o objetivo da experiência relatada. A cada afirmação de algum(a) estudante, reorganizávamos nossas ações pedagógicas com o intuito de trazer, na aula seguinte, situações em que as representações estudantis fossem colocadas em evidência, possibilitando sua reconstrução. Por essa razão, durante as aulas, demos muita importância aos registros, porque com eles, nos debruçamos nas pistas que os estudantes deixavam, aula a aula, sobre como pensavam as práticas que estavam em curso. A partir dessas informações, pudemos, por exemplo, realizar a entrevista e utilizar o ginásio de ginástica artística, ampliando os discursos e os conhecimentos sobre essa manifestação corporal. Para auxiliar, utilizamos fontes e informações advindas dos locais mais variados, desde uma matéria jornalística, até uma crendice pertencente a cultura popular. Afinal, somos constituídos por todos esses discursos.

Referências Bibliográficas

CORBIN, A.; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. **A história do corpo**. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

SILVA, T. T. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

NEIRA, M. G. **Práticas corporais**: brincadeiras, danças, lutas, esportes e ginásticas. São Paulo: Melhoramentos, 2014.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. **Educação Física currículo e cultura**. São Paulo: Phorte, 2009a.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F (orgs). **Praticando os estudos culturais na educação física**. São Caetano do Sul: Yendis, 2009b.

SOUZA, R. F. **Templos de civilização**: a implantação da escola primária graduada no estado de São Paulo (1890 – 1910). São Paulo: Fundação da Editora da UNESP, 1998.

UNIÃO MARISTA DO BRASIL. **Matrizes curriculares de educação básica do Brasil Marista**: área de códigos, linguagens e suas tecnologias. 2ª ed. Curitiba: PUCPRes, 2016.

VARELA, J.; ALVAREZ-URIA, F. A maquinaria escolar. **Teoria & Educação**, v. 6, p. 68-96, 1992.